Rodolfo Calligaris

O Sermão da Montanha

A "Carta Magna do Cristianismo" (*Mateus*, 5 a 7) explicada, versículo por versículo, à luz da Doutrina Espírita.

CORTESIA DO EDITOR

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

Bem-aventurados os pobres de espírito...

"Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus", disse Jesus (*Mateus*, 5:3), iniciando o Sermão da Montanha.

Situou, assim, a humildade espiritual em primeiro lugar, entre as virtudes que precisamos adquirir para merecermos a glória das almas redimidas.

Exegetas do Evangelho, adulterando por completo o sentido dessa máxima, pretendem que ela proclame bem-aventurados os apoucados de inteligência, os retardados mentais, os idiotas e imbecis. Tal interpretação, todavia, é insustentável, pois, a ser verdadeira, não haveria lugar nos Céus para os ricos de espírito, e o próprio Mestre, o expoente máximo da riqueza espiritual que a Terra já conheceu, ficaria de fora.

Por pobres de espírito, na acepção em que Jesus empregou essas palavras, devem-se entender aqueles que, aspirando à perfeição, e comparando com o ideal a ser atingido o pequenino grau de adiantamento a que chegaram, reconhecem quanto ainda são carentes de espiritualidade.

São bem-aventurados porque a noção que têm de suas fraquezas e mazelas fá-los lutar por aquilo que lhes falta, e esse redobrar de esforços leva-os realmente a conseguirem maior progresso espiritual.

Já aqueles que se acomodam a ínfimos padrões de moralidade, ou se mostram satisfeitos com seu estado, considerando-se suficientemente bons, ao contrário dos primeiros, não se incluem entre os bem-aventurados porque, seja por ignorância, seja por orgulho, permanecem estacionários, quando a vida espiritual, assim como tudo na Natureza, rege-se por um impulso constante *para a frente e para o alto*!

Igualmente, os que entendem não ser preciso cultivar um caráter nobre e reto, porque (segundo julgam) "o sangue do Cristo foi derramado para remir os pecados da Humanidade", também não são incluídos entre aqueles cuja atitude de espírito foi exaltada pelo Nazareno.

Malgrado a respeitabilidade de seus princípios religiosos, só vislumbrarão o Reino celestial quando venham a reconhecer a pobreza de suas virtudes, e se empenhem com afinco para conquistá-las, pois todo aquele a quem o Cristo haja redimido, de fato, terá de deixar as más obras, para "apresentar-se santo, imaculado e irrepreensível diante dele". (*Colossenses*, 1:22.)

A colocação da humildade de espírito, como a primeira das beatitudes, parece-nos, pois, não ser meramente fortuita, mas sim proposital, visto que a felicidade futura de cada indivíduo depende muito do conceito que ele faça de si mesmo.

Quem se imagina com perfeita saúde não se preocupa com ela, nem procura um médico para tratá-la. Também aquele que se presume sem defeitos, ou já se considera salvo, descuida da higidez de sua alma, e, quando menos espere, a morte o surpreenderá sem que tenha avançado pelo menos um passo no sentido da realização espiritual.

Bem-aventurados os mansos...

Já antes de Alexandre Magno, Júlio César e Gengis Khan, assim como depois de Napoleão, Mussolini e Hitler, o que vale dizer, desde as mais priscas eras até os nossos dias, aqui, ali e acolá, a violência foi e continua sendo o meio utilizado pelos homens para o domínio deste mundo, inclusive dos seres que o habitam.

As ideias — políticas, filosóficas ou religiosas — igualmente hão sido impostas, muitas vezes pela força, custando isso à Humanidade um sacrifício de vidas não menor que o causado pelas guerras de conquista.

No campo da economia, então, os gananciosos sem escrúpulos, quantos recursos opressivos não empregam para conseguir o enriquecimento rápido, indiferentes ao sofrimento das multidões, vítimas indefesas de suas manobras altistas?

Mesmo nas instituições e no recesso dos lares, homens há que, para ocuparem os primeiros lugares ou poderem dizer "aqui mando eu", não titubeiam em constranger companheiros e tiranizar familiares, pondo em evidência o espírito belicoso que os caracteriza.

Sim, até agora a Terra tem sido açambarcada pelos violentos, em dano para os mansos e cordatos.

Tempos virão, entretanto, em que as relações humanas dos terrícolas serão bem outras.

Sob o império do amor universal pregado pelo Cristo, cada qual verá em seu semelhante um irmão, cujos direitos lhe cumpre respeitar, e não um adversário contra o qual deva lutar; o egoísmo cederá lugar ao altruísmo, de sorte que todos se auxiliarão mutuamente em suas necessidades; e porque ninguém cuidará de elevar-se sobre os outros, mas sim de superar-se a si mesmo, em saber e moralidade, os fracos e os pacíficos já não serão esmagados nem explorados, inexoravelmente, como estamos habituados a presenciar.

Os céticos talvez imaginem que tal progresso demande ainda muitos e muitos séculos para tornar-se uma realidade entre nós.

Sem dúvida, milagres não acontecem, e lenta, muito lenta, tem sido a evolução da Humanidade.

Nosso mundo, porém, está fadado a passar por profundas transformações, físicas e sociais, que o tornem uma estância mais ditosa, e, segundo revelações de entidades amigas do "lado de lá", um processo de expurgo e seleção já se acha em curso, devendo intensificar-se cada vez mais.

Por esse processo, todos quantos se não afinem com a nova ordem de coisas a ser estabelecida

aqui na Terra sofrerão a desencarnação em massa através de eventos diversos, sendo atraídos para outros mundos, cujas condições de primitivismo estejam em conformidade com seus instintos e maus pendores, onde permanecerão até que se regenerem e façam jus a melhor destino.

A partir do terceiro milênio, passarão a reencarnar neste mundo apenas as almas que hajam demonstrado firmeza no bem, e, livres daqueles que lhes quebravam a harmonia, conhecerão uma nova era de paz e de felicidade, concretizando-se, assim, a promessa do Cristo: "*Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra*". (*Mateus*, 5:5.)

Bem-aventurados os que choram...

Dizem que todos choram, que a Humanidade inteira geme sob o acicate da dor e que esse sofrimento é o preço do pecado introduzido na Terra pelos "nossos primeiros pais" — Adão e Eva.

Afirmam outros que as dores e aflições deste mundo são o meio de que Deus se vale para experimentar-nos e aferir a nossa fé, ou para aumentar os nossos méritos, a fim de que maiores sejam nossos gozos no paraíso.

Se é assim, por que uns sofrem mais do que outros? Por que alguns vivem apenas algumas horas, sem pelo menos tomar consciência de si mesmos, enquanto outros têm de viver sessenta, oitenta ou cem anos, conhecendo toda a sorte de agruras? Por que uns nascem belos, saudáveis, e assim atravessam toda a existência, enquanto outros nascem monstruosos e enfermiços, pré-condenados a uma vida miserável e dolorosa? Por que uns vêm ao mundo em ambientes sadios, em que recebem fina educação e aprendem a cultivar as virtudes, ao passo que outros surgem em meios sórdidos, onde medram os vícios mais infamantes e lhes é ensinado a detestar o trabalho, a furtar e

até a matar, meios esses que são verdadeiras antecâmaras de salões hospitalares ou de cubículos penitenciários?

A concepção de que as misérias desta vida são decorrências do pecado original, ou provações necessárias a todas as almas, para que, depois de sua passagem por este mundo, saibam apreciar melhor as alegrias e as doçuras da mansão celestial, forçoso é convir, não explica essas anomalias e diversidades, e há induzido muitos homens a descrerem por completo da Providência, ou seja, da sabedoria suprema com que Deus conduz todas as coisas.

Estava reservado ao Espiritismo, o Consolador prometido pelo Cristo, oferecer o esclarecimento desse ponto, sem negar nem infirmar nenhum dos atributos da Divindade.

O sofrimento — segundo a Doutrina Espírita — é a consequência inelutável da incompreensão e dos transviamentos da Lei que rege a evolução humana.

Sendo Deus soberanamente bom e justo, não haveria de permitir que fôssemos excruciados, salvo por uma boa razão ou uma causa justa; assim, se sofremos é porque, por ignorância ou rebeldia, ficamos em débito com a Lei, seja nesta ou em anteriores encarnações.

Criados para a felicidade completa, só a conheceremos, entretanto, quando formos perfeitos; qualquer jaça ou falha de caráter interdita-nos a entrada nos mundos venturosos e, pois, é através das existências sucessivas, neste e em outros planetas, que nos vamos purificando e engrandecendo, pondo-nos em condições de fruir a deleitável companhia das almas santificadas.

Quanto maiores tenham sido nossas quedas, tanto mais enérgico precisa ser o remédio destinado a curar nossas chagas; então, aqueles que muito sofrem são os que mais culpas têm a expiar, e devem alegrar-se à ideia de que as lágrimas do sofrimento, suportado com paciência e resignação, lavam a consciência e acrisolam o espírito, constituindo-se, por assim dizer, o preço com que se adquirem as mais suaves consolações na vida futura.

Explicada a missão providencial da dor e sua benéfica influência na reforma e melhoria das almas, já agora podemos compreender o alcance das palavras do Mestre, quando proclamava: "*Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados*". (*Mateus*, 5:4.)

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça...

Contemplando o panorama do mundo, onde os bens e os males se acham tão desigualmente repartidos, muitos há que não compreendem a razão de ser dessas anomalias e chegam a descrer da Justiça de Deus.

Se Ele é soberanamente justo e bom, indagam, por que dá a uns uma vida repleta de alegrias e satisfações, enquanto a outros reserva uma sucessão intérmina de agruras e sofrimentos? Por que uns dormem sob dourados tetos, enquanto outros jazem sobre palhas, ou tiritam de frio, sem que tenham onde abrigar-se nem possuam sequer alguns farrapos com que cobrir sua nudez? Por que uns se banqueteiam regaladamente, todos os dias, enquanto outros necessitam estender a mão à caridade pública para conseguir um pedaço de pão com que atendam às exigências do estômago vazio? Por que algumas damas, ostentando luxuosíssimos vestidos, adornadas de joias de alto preço, levam vida despreocupada e risonha, entre acordes de orquestras e espocar de champanhes, enquanto

jovens pálidas e andrajosas definham ao peso de trabalho rude e estafante? Por que se concedem, a uns, certos privilégios, que se tornam odiosos ante o abandono a que outros são relegados?

O que se vê por toda parte não é a mais flagrante iniquidade, tornando falaciosa a promessa do Cristo de que os famintos e sedentos de justiça seriam fartos?

De fato, se tivéssemos uma só existência, a doutrinação do Mestre seria um engodo. À luz da reencarnação, entretanto, as diferenças sociais, como de resto todas as desigualdades que tanto ofendem as almas sensíveis e perquiridoras, não se constituem expressões do arbítrio divino; são agentes de progresso e preenchem, transitoriamente, uma necessidade na economia da evolução individual e coletiva.

Claro que tais diferenças haverão de desaparecer um dia, com o *progresso moral* da Humanidade, mas, enquanto isso não venha, elas subsistirão, malgrado as revoluções, as leis e os discursos que os homens façam com a finalidade de as abolir.

É que a evolução da espécie humana não é unilateral: deve e tem de realizar-se sob múltiplos aspectos — queiramos ou não — passando cada ser por uma infinidade de provas e experimentações, cujo ensejo lhes é proporcionado pelas diversas castas e classes em que se dividem as sociedades.

No estado em que os terrícolas nos encontramos, aliás de grande atraso, sempre que mudamos de posição, mudamos também de ideias e sentimentos, em conformidade com os novos interesses e o novo alvo de nossos desejos. Isso prova bem quão necessário é ainda que mudemos muitas vezes de posição, através de sucessivas encarnações, para que, trabalhando, sofrendo, estudando e adquirindo experiência, pelo melhor conhecimento das coisas, desenvolva-se em nós o espírito de equidade e de justiça, indispensável ao nosso progresso individual e à boa orientação que devemos dar à marcha dos acontecimentos, em prol do bem coletivo.

Disse Kardec, alhures, que a Terra é um misto de es-cola, presídio e hospital, cuja população se constitui, portanto, de homens incipientes, pouco evolvidos, aspirantes ao aprendizado das leis naturais; ou inveterados no mal, banidos, para esta colônia correcional, de outros planetas, onde vigem condições sociais mais elevadas; ou enfermos da alma, necessitados de expungirem suas mazelas pelas provações mais ou menos dolorosas e aflitivas.

É natural, pois, que, num meio assim tão heterogêneo, haja profundas diferenciações na sorte das criaturas, capazes de provocar clamores e de desnortear, pela sua complexidade, qualquer sociólogo menos conhecedor do plano divino da evolução.

Assim, aquelas palavras do Mestre: *"Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão saciados"* (*Mateus*, 5:6), não se referem, como poderia parecer, aos que, inconformados com sua condição, protestam, amaldiçoam ou promovem agitações subversivas, mas sim aos que, qualquer que seja a classe social em que se encontrem, procuram, de consciência tranquila, seguir-lhe as pegadas, alimentando a nobre aspiração de pautar *seus próprios atos* de conformidade com os mais altos ideais de justiça e retidão, respeitando escrupulosamente os direitos de seus semelhantes, procurando tirar de sua atuação o maior resultado possível para a evolução própria e o bem alheio.

É com discípulos desse feitio que o Cristo conta como cooperadores, para a implantação na Terra de um estilo de vida mais consentâneo com o Direito e a Moral.

Que os verdadeiros cristãos, inspirados no exemplo do Mestre, que desceu dos cimos da pureza e da perfeição e imergiu neste mundo corrompido e tenebroso a fim de dar o de que a Humanidade necessitava para alcançar a redenção, saiam, pois, a campo, empenhando-se de corpo e alma na construção da sociedade do porvir.

...

Sobre o autor

Nascido na cidade de Americana (SP), aos 30 de outubro de 1913, tornou-se espírita aos 21 anos, passando a realizar trabalho infatigável e persistente durante quatro décadas de devotamento à causa espírita.

Foi um dos fundadores do Lar Espírita "Espiridião Prado", em 1964, mantendo-se como seu diretor até a data do seu retorno ao Mundo Maior.

Escritor de reconhecidos méritos, colaborou com artigos de conteúdo doutrinário publicados em vários órgãos da imprensa espírita, incluindo-se *Reformador*, da FEB.

Ativo também no campo do livro, publicou cinco obras de cunho evangélico-doutrinário, sendo quatro delas pela FEB: *Páginas de Espiritismo Cristão*; *As Leis Morais*; *Parábolas Evangélicas* e *O Sermão da Montanha*.

Trabalhador infatigável, participou ativamente dos esforços de unificação das sociedades espíritas, desempenhando, por dez anos consecutivos, relevantes funções na União Municipal Espírita de Rio Claro e no Conselho Regional.

Ao desencarnar, no dia 15 de agosto de 1975, deixou uma memória de trabalho, honradez, idealismo e bondade, que dignifica a sua condição de destacado e sincero operário do Espiritismo Cristão em nossa terra.